



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Humanas
Pós-Graduação em História

RICARDO MARQUES DE MELLO

**DA UTILIDADE E DESVANTAGEM DA
HISTÓRIA PARA HAYDEN WHITE**

BRASÍLIA
2008

RICARDO MARQUES DE MELLO

**DA UTILIDADE E DESVANTAGEM DA
HISTÓRIA PARA HAYDEN WHITE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Defendida em 06 de março de 2008, perante banca examinadora formada pelos professores doutores Carlos Oiti Berbert Júnior, Daniel Barbosa de Faria e Tereza Cristina Kirschner.

Orientadora: Dra. Tereza C. Kirschner.

BRASÍLIA
2008

*À minha primeira influência intelectual,
meu pai.*

AGRADECIMENTOS

Desde longa data tornou-se metáfora gasta entre os historiadores afirmar que um fato é a ponta de um *iceberg*. Ainda assim, a frase parece-me sugestiva na medida em que substituo a palavra *fato* por *dissertação*. Por isso quero agradecer àqueles que, de modo direto ou indireto, me auxiliaram na curta e rica trajetória acadêmica do mestrado em História na Universidade de Brasília.

Agradeço à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – que me proveu uma preciosa bolsa de estudos, com a qual pude despreocupar-me com algumas questões extra-acadêmicas e concentrar-me na pesquisa.

Agradeço à acolhida calorosa e sempre muito prestativa dos meus cinco tios que residem em Brasília, especialmente os tios João Roberto e Itamar, com suas respectivas famílias, que, além de propiciar as bases materiais da minha existência por certo tempo, se mostraram inestimáveis anfitriões. Sou muitíssimo grato também à minha família, Cris, Fábio, Michelle, Rafaela, Heloisa, Artur, Ana Beatriz e especialmente a meus pais, Valmir e Carmen, com quem sempre pude contar e de onde retirei grande parte das forças para iniciar e seguir a caminhada.

Agradeço aos professores e amigos da graduação em História, que, mesmo ausentes, marcaram, em certo sentido, o modo por meio do qual lido com questões ligadas ao meu ofício, principalmente aos professores Gabriel Giannattasio, André Joanilho, Jozimar P. de Almeida, Paulo Alves e Marlene Cainelli, e aos colegas Pedro Grawunder, Victor Hugo, Guilherme Cantieri, Valdir Pimenta e Marcus Ursi. Sou enormemente grato também ao professor Estevão de Rezende Martins, que, sempre muito obsequioso em me atender, elucidou um considerável número de problemas teóricos e historiográficos; à professora Tereza Negrão, constantemente gentil e pronta a ajudar, seja em questões acadêmicas ou burocráticas; e ao professor Carlos Oiti Berbert Jr., que, além de profundo conhecedor da matéria com a qual me ocupo, mostrou-se muito acessível e prestativo.

Por fim, quero dar um agradecimento especial a duas pessoas. À minha querida esposa, cujo companheirismo e carinho estiveram sempre presentes e com a qual a vida, para mim, torna-se mais leve, suave e delicada. E à minha orientadora, professora Tereza Cristina Kirschner, que teve disposição em aceitar-me como orientando, paciência, perspicácia e rara elegância intelectual na orientação. Certa vez, o historiador norte-americano, Peter Gay, escreveu em um de seus livros: “Espero que não seja vaidade de minha parte imaginar, com alegria, que um escritor tem os leitores que merece”. Em uma tentativa de parafraseá-lo, posso até ficar alegre em ter recebido a orientação que obtive, mas não posso imaginar que tive a orientadora que mereci: já seria vaidade.

*Somente na medida em que a história
serve à vida queremos servi-la.*

Friedrich Nietzsche.

*A história não poderá dar resposta a todas as
inquietações nem dirimir tantas e insondáveis
dúvidas. No entanto, ela poderá nos ajudar a
encontrar o caminho da tolerância e da
convivência entre culturas. Quem sabe se
um dia, poderá mesmo iluminar mentes e
corações? Afinal de contas, ainda é viável
sonhar.*

Maria Yedda Linhares.

MELLO, Ricardo Marques de. **Da utilidade e desvantagem da história para Hayden White**. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

RESUMO

A Dissertação ora apresentada investigou as funções que o conhecimento produzido pelos historiadores pode exercer segundo o historiador e teórico da literatura e historiografia Hayden White. O primeiro capítulo expõe sucintamente sua teoria do discurso historiográfico, enfatizando os aspectos pertinentes para se compreender o objeto deste trabalho. O segundo capítulo analisa as funções que devem ser evitadas pela historiografia. O terceiro apresenta as funções que a historiografia pode exercer, relacionando-as à teoria do discurso historiográfico (cap. 1) e às funções cognitivas da história refutadas por White (cap. 2). Na última seção, buscou-se sintetizar o que foi exposto anteriormente e questionar alguns aspectos da proposta whiteana. A partir disso, observou-se que a idéia norteadora consiste em argumentar a favor da limitação epistêmica do discurso produzido pelos historiadores, o que permitiria, por sua vez, usá-lo de determinadas maneiras a fim de auxiliar os homens do presente na resolução de seus problemas. Desta forma, o que possibilitaria à historiografia valer-se do passado com vistas ao presente e desempenhar tal ou qual função seria sua condição cognitivamente restrita.

Palavras-chave: funções da historiografia, Hayden White, teoria da história.

MELLO, Ricardo Marques de. **On utility and disadvantage of the history to Hayden White**. 2008. 116 f. Dissertation (Master's Degree Dissertation) – University of Brasilia, Brasília, 2008.

ABSTRACT

The Dissertation presented investigated the roles that knowledge produced by historians can exercise according to the historian and theoretical literature of historiography and Hayden White. The first chapter briefly outlines his theory of historiographic speech, emphasizing aspects relevant to understand the object of this work. The second chapter discusses the functions that should be avoided by historiography. The third presents the functions that historiography can exercise, listing them on the theory of speech historiographic (chap. 1) and the cognitive functions of the story refuted by White (chap. 2). In the last section, sought summed up what has been previously exposed and questioned some aspects of the proposal whiteana. From this, the main idea is to argue in favour of limiting epistemic the discourse produced by historians, which would, in turn, use it, certain ways, to help the men of this in the resolution of their problems. Thus, what would the historiography assert itself in the past with a view to the present and play such a role would be or what their condition cognitively limited.

Key Words: White, functions of historiography, theory of history.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A TEORIA DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO DE HAYDEN WHITE: UMA INTRODUÇÃO.....	26
1.1 Da diferença entre teoria do conhecimento historiográfico e teoria do discurso historiográfico.....	27
1.2 O conceito de discurso historiográfico.....	29
1.3 O objetivo do discurso.....	30
1.4 Os tropos.....	31
1.4.1 Metáfora, metonímia, sinédoque e ironia.....	34
1.5 O campo histórico.....	37
1.6 As estratégias explicativas.....	38
1.6.1 Os elementos primitivos.....	38
1.6.2 O nível estético.....	40
1.6.3 O nível epistêmico.....	43
1.6.4 O nível ético.....	47
1.6.5 Os estilos historiográficos.....	50
1.7 A neutralidade das fontes e a não-cientificidade da historiografia.....	52
1.8 Síntese.....	54
2. DAS DESVANTAGENS	57
2.1 Os fardos da história.....	58
2.1.1 Da crítica da ciência.....	59
2.1.2 Da crítica da arte.....	62
2.1.2.1 A sensibilidade reprimida I: o receio de criar.....	62
2.1.2.2 A sensibilidade reprimida II: a consciência histórica que renega o presente.....	65
2.1.3 A presença de Hayden White.....	70
2.2 Da verdade.....	72
2.3 Da ironia.....	79
3. DA UTILIDADE OU AS FUNÇÕES DA HISTORIOGRAFIA.....	83
3.1 Das limitações epistêmicas.....	84
3.2 Do sentido e do significado.....	86
3.3 Técnicas contemporâneas.....	89
3.4 Epifania.....	92
3.5 Da ruptura.....	94
3.6 Do epistêmico para o ético.....	97
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU DA UTILIDADE E DESVANTAGEM DE HAYDEN WHITE PARA A HISTORIOGRAFIA.....	103

FONTES.....112

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....113

INTRODUÇÃO

A presente Dissertação investigou as funções que o conhecimento produzido pelos historiadores pode exercer, segundo Hayden White*. A questão que examina a função do conhecimento histórico não é nova e já ocupou o labor intelectual de um número razoável de pensadores. Independente de qual tenha sido o resultado alcançado por eles, constatou-se que, embora se debruce sobre um evento pretérito, o historiador tem, em maior ou menor grau, alguma preocupação com seu mundo contemporâneo e, mesmo que não tenha consciência, ele parece atribuir alguma serventia em conhecer melhor aquele evento daquela maneira.

Por conseguinte, um historiador que se preocupa com a historiografia, ou seja, com a produção de uma obra ou um conjunto delas, de um dado tempo, possivelmente identificará qual a função daquela(s) obra(s), apregoada pelo(s) seu autor(es), e a vinculação entre tais ou quais funções e as condições sócio-culturais em que foi produzida. É o que ocorre, por exemplo, quando autores como Guy Bourd e e Herv e Martin¹ investigam a consolida o da historiografia² enquanto ciência no século XIX e a rela o entre esta e a forma o dos Estados Nacionais na Europa Ocidental: naquele contexto, a historiografia auxiliou o Estado na constru o do sentimento nacionalista e identitário. Ou quando se pesquisa a historiografia brasileira de meados da década de sessenta até a década de oitenta, cujos temas variavam enormemente, mas as fun oes que a historiografia cumpria tinham, quase sempre, estreitas rela oes com o momento político: buscava-se legitimar

* Por força de expressão, termos como: “de acordo com White”, “segundo...”, “como sugere...”, “de acordo com o autor de *Meta-História*”, entre outros da mesma natureza, irão constantemente aparecer ao longo deste texto. Observar-se- , também, que se preferiu usar, por vezes, o verbo com sujeito indeterminado. Não se pretende, com tudo isso, sugerir uma pretensa neutralidade, do autor desta Disserta o, na constru o textual, tampouco que os argumentos e opiniões expressas aqui, da forma que o foram, são frutos da *inten o* estrita de Hayden White, mesmo que grande parte das afirma oes sejam “comprováveis” através de cita oes ou indica oes das fontes.  , tão-só, uma op o estilística.

¹ BOURD E, Guy; MARTIN, Herv e. **As Escolas Históricas**; tradu o de Ana Raba a. – Portugal – Mira-Cintra: Publica oes Europa-América, 1990.

² O termo história denota, pelo menos, dois significados: os acontecimentos no transcorrer do tempo e a disciplina que estuda tais acontecimentos. Para evitar eventuais confusões, será usado *história* para se referir   primeira acep o e *historiografia* para a segunda. Desta forma, historiografia não será tomada em seu significado estrito, isto  , como escrita da história, mas como a opera o que o historiador efetua para transformar os resquícios do passado em, por exemplo, um texto historiográfico.

historicamente a situação vigente, em um extremo, ou transcender tal situação mediante uma revolução, no outro³.

Os exemplos supracitados são distantes entre si no tempo e espaço. Mas eles servem para explicitar a vinculação entre a historiografia, de modo geral, e as funções que ela exerce, de modo específico, com o conjunto de circunstâncias do qual fazem parte. Com efeito, esta vinculação foi uma preocupação presente nas proposições de Hayden White, que mostra, de modo inequívoco, a relação que deve haver entre o estudo do passado e as exigências do presente. Ou, mais especificamente, como um deve trabalhar em função do outro.

Porém, as funções da historiografia não estão condicionadas apenas às circunstâncias e às necessidades do mundo contemporâneo ao historiador: o conhecimento histórico não tem possibilidade de desempenhar qualquer função, tampouco poderá responder a todas as inquietações advindas da vida presente. As funções que ele pode desempenhar estão ligadas, também, às suas condições cognitivas. E é justamente essa relação – *possibilidades cognitivas da historiografia e suas funções* – que se investigou em Hayden White. Aliás, a originalidade do autor de *Meta-História*, no que diz respeito ao objeto deste trabalho, parece residir exatamente no tipo de solução encontrada por ele: a historiografia pode exercer tal ou qual função *porque* sua condição epistemológica possui tais e quais características.

A partir da relação entre possibilidades cognitivas e funções da historiografia, a resposta comumente apresentada em manuais de história à questão para que serve a história, a saber: a história é a ciência que estuda o passado para compreender o presente e projetar o futuro, fragiliza-se, sob alguns aspectos, quando contrastada com as proposições whiteanas: 1) não se estuda o passado com o intuito neutro de compreendê-lo apenas, mas, em certa medida, para intervir no presente, seja qual for o teor que tal intervenção irá assumir; 2) o passado não é

³ Ver: DIEHL, Astor A. **A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970.** – Passo Fundo: Ediupf, 1999; **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980: experiências e horizontes.** 2 ed. revista e ampliada. – Passo Fundo: Ediupf, 2004.

um ente, um ser-pronto e acabado, à espera que algum pesquisador declare como ele foi ou que caracterize e explique o que realmente ocorreu: a relação *indícios do passado – historiador – historiografia* mostra-se complexa e sujeita a interferências de naturezas variadas, que rejeitam a idéia de transmissão ou a noção de historiador como a “memória da sociedade”. Não há o passado, mas interpretações possíveis acerca dele: é o que permite, afinal, a reescrita da história. “A historiografia é um corpo organizado de conhecimentos sobre a história, e um estudante sabe que está aprendendo historiografia, não a história”⁴; 3) projetar o futuro com base no passado pode ser apenas mais um subterfúgio a fim de privilegiar certas circunstâncias ou grupos do presente.

Com isso, um mesmo período da história do Brasil, por exemplo, pode ser caracterizado e explicado com maior ou menor grau de otimismo; enfatizar rupturas ou permanências a respeito de certa organização social de privilégios; ser atribuído maior ou menor participação popular no processo decisório; pode focar a sociedade como um todo ou voltar-se à presença de uma minoria em um fato ou momento. Enfim, uma obra historiográfica pode adotar uma ou outra postura nos casos sobreditos, e em muitos outros, sem incorrer em anacronismo, sobrepor-se ao material empírico ou cometer infrações metodológicas. Tudo isso parece ter antes motivações no mundo contemporâneo do historiador e da assunção de dadas possibilidades cognitivas da historiografia que no passado sobre o qual este se debruça. Isto é: parece estar ligado às funções que o historiador acredita que a história deve desempenhar no presente do qual ele é membro. Desta forma, a exposição e a análise de uma proposta que vincula possibilidades cognitivas da historiografia e as funções que esta deve exercer talvez possa auxiliar àqueles que buscam investigar as funções sociais do historiador frente ao seu mundo contemporâneo.

Além disso, deve-se considerar a relevância acadêmica da presente Dissertação, haja vista o número significativo de pesquisas, livros, artigos e citações

⁴ Deve-se fazer jus à frase original e ao seu autor: “A Física é um corpo organizado de conhecimentos sobre a natureza, e um estudante sabe que está aprendendo Física, não a natureza”; em: FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. – São Paulo: Editora Cultrix, 1973. p. 19.

que tem a obra de Hayden White como objeto de análise. Porém, são poucos os textos em língua portuguesa nos quais há referência quanto à função que a historiografia deve exercer, principalmente os que conectam a teoria de White à função atribuída ao conhecimento histórico. Executar um trabalho que tem como preocupação um ponto específico de suas obras, portanto, pode ser relevante não apenas para conhecer melhor um aspecto da obra do estadunidense, mas, além disso, pode contribuir a outras pesquisas que tenham o mesmo tema ou autor como objeto de investigação, sobretudo ao se ter em conta que Hayden White é um dos intelectuais que mais causou polêmica, referente à produção historiográfica, nos últimos trinta anos.

Autores como F. Ankersmit⁵, C. Lorenz⁶, K. Jenkins⁷, P. Ricoeur⁸, R. Chartier⁹, D. La Capra¹⁰, A. Momigliano¹¹, C. Ginzburg¹², D. Harlan¹³, L. Kramer¹⁴, entre outros, travaram um ativo diálogo, seja a favor de alguns aspectos da teoria do discurso historiográfico e sua consequência ética para o conhecimento histórico, seja contrário a ela. Duas das mais importantes revistas de teoria da história no

⁵ ANKERSMIT, F. R., "Hayden White's Appeal to the Historians." **History and Theory**, vol. 37, nº2, 1988, pp. 182 a 193.

⁶ LORENZ, Chris, "Can Histories Be True? Narrativism, Positivism, and the 'Metaphorical Turn'". **History and Theory**, vol. 37, no 3, October 1998: 309-329.

⁷ JENKINS, Keith, "Beyond the Old Dychotomies: Some Reflections on Hayden White." **Teaching History**, nº 74, January 1994, pp. 10-16; "On Hayden White," in: **Why History? Ethics and Postmodernity**. London and New York: Routledge, 1999, pp. 89-158; On "What is History"? **From Carr and Elton to Rorty and White**. London and New York: Routledge, 1995.

⁸ RICOEUR, Paul. **La memoria, la historia, el olvido**. Madri: Trotta, 2003.

⁹ CHARTIER, Roger. "Quatre Questions Hayden White." **Storia della Storiografia**, vol. 24, 1993, pp. 133-142. Este texto foi traduzido em língua portuguesa com outro título, "Figuras retóricas e representações históricas"; em: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 101-116.

¹⁰ LaCAPRA, Dominick, "A Poetics of Historiography: Hayden White's Tropics of Discourse," in: **Rethinking Intellectual History**. Ithaca, N. Y.: Cornell University Press, 1985, pp. 72-83.

¹¹ MOMIGLIANO, Arnaldo, "The Rhetoric of History and the History of Rhetoric: On Hayden White's Tropes." **Comparative Criticism. A Year Book**, vol. 3, 1981, pp. 259-268.

¹² GINZBURG, Carlo. **Relações de Força. História, Retórica, Prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 (Introdução e Capítulo 1); "O extermínio dos judeus e o princípio da realidade". Em: MALERBA, Jurandir. **A História Escrita: teoria e história da historiografia**, Contexto: São Paulo, 2006.

¹³ HARLAN, David, "The Return of the Moral Imagination," in: **The Degradation of American History**. Chicago: University of Chicago Press, 1997, pp. 105-126; "A História Intelectual e o Retorno da Literatura"; em: GIMENES, Renato; RAGO, Margareth (orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. – Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. pp. 09-61.

¹⁴ KRAMER, Lloyd S. "Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra; em: HUNT, Lynn (org.). **A Nova História Cultural** – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

cenário mundial – *History and Theory*¹⁵ e *Storia della Storiografia*¹⁶ – já dedicaram edições inteiras a artigos cujos temas estavam relacionados às obras de H. White. A partir disso, urge questionar: o que fez com que os seus textos causassem tamanha repercussão? Quais os argumentos que motivaram um número significativo de intelectuais a se sentirem incomodados ou estimulados a se manifestarem? O que foi colocado em jogo com a teoria whiteana?

Embora não se tenha uma resposta unívoca, sobretudo por que sua obra foi comentada mediante ângulos muito diversos entre si, há alguns aspectos que receberam maior atenção do que outros. A própria trajetória acadêmica de Hayden White pode ajudar a esclarecer a origem intelectual de suas proposições.

Hayden White nasceu em 1928, nos EUA¹⁷. Tornou-se bacharel em História pela *Wayne State University*, em 1951; Máster e PhD em História pela *University of Michigan*, em 1956, e pela Universidade de Roma, 1953-1955; doutor *Honoris Causa* em Letras pela *University of Michigan*; professor *Emeritus* em *History of Consciousness*, na *University of Califórnia, Santa Cruz*. É especialista em História Cultural da Europa Moderna, Filosofia da História, Teoria Literária, Teoria Social e História da Literatura. Atualmente é professor de *Comparative Literature* na *Stanford University*¹⁸. Sua carreira acadêmica inclui várias participações como professor visitante em universidades européias, sobretudo na Itália, Polônia e França. É autor de uma vasta produção intelectual, que inclui, por exemplo, trabalhos sobre G. Vico¹⁹, B. Croce²⁰, N. Frye²¹, M. Foucault²², entre outros; sobre historiografia e teoria

¹⁵ "Metahistory: Six Critiques." **History and Theory**. Beiheft 19. vol. 19, no 4, 1980; "Hayden White: Twenty-Five Years On." **History and Theory**, vol. 37, no 2, May 1998.

¹⁶ "Hayden White's Metahistory twenty years after," part. I: Interpreting tropology, **Storia della Storiografia**, no 24, 1993; part. II: Metahistory and the practice of history, **Storia della Storiografia**, no 25, 1994.

¹⁷ Como se sabe, dois livros de White foram traduzidos para a língua portuguesa, são eles: *Meta-História e Trópicos do Discurso*. Nesta Dissertação fez-se uso tanto dos textos em língua inglesa quanto das traduções em língua portuguesa. Preferiu-se fazer as citações a partir destas, incluindo a data exata em que o respectivo texto foi originalmente publicado entre colchetes, logo após a data da publicação da tradução. Apenas se fez a tradução direta do original quando se acreditou necessário. Neste caso, segue referência bibliográfica de acordo com o texto em língua inglesa.

¹⁸ Dados dos sites http://communications.uwo.ca/western_news/story.html?listing_id=12924, acessado em dezembro de 2006; http://www.staff.amu.edu.pl/~ewa/Hayden_White_Bibliography.htm, acessado em janeiro de 2008; e da Dissertação de Mestrado de MEDEIROS, Pedro Araújo. **Pós-Modernidade e Historiografia: Um Estudo Sobre Hayden White**. Orientador: José Carlos Reis. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, 2006, p. 45 e 46.

¹⁹ WHITE, Hayden. "Os Trópicos da História: A Estrutura Profunda de *A Ciência Nova*"; em: **Trópicos**

literária²³; e um número considerável de textos referentes ao *status* do conhecimento histórico.

Como se observa, Hayden White tem um percurso intelectual marcado pelo trânsito em mais de um domínio específico. Pode-se considerar que grande parte de seus estudos concentram-se em três áreas: história (com ênfase em teoria e história intelectual), literatura (com destaque para teoria literária e história da literatura ocidental, moderna e contemporânea) e filosofia (com ênfase em filosofia da história). E parece ser precisamente no tipo de relações que ele estabelece entre essas três áreas do saber que reside o maior número das objeções a ele endereçadas.

A primeira grande contestação provém da relação entre historiografia e literatura, mais especificamente, entre os discursos historiográficos e os textos ficcionais²⁴. A aproximação que White fez entre ambos ensejou, por exemplo, o renomado historiador francês, Roger Chartier, a questioná-lo nos seguintes termos:

se a história produz um conhecimento que é idêntico àquele gerado pela ficção, nem mais nem menos, como considerar (e por que perpetuar) essas operações tão pesadas e exigentes que são a constituição de um *corpus* documental, o controle dos dados e das hipóteses, a construção de uma interpretação? (...) se a realidade dos fatos tramados não importa à natureza do saber produzido, a 'operação historiográfica' não seria tempo e pena perdidos?²⁵

do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [1969]. p. 219-239.

²⁰ WHITE, Hayden. "The Abiding Relevance of Croce's Idea of History"; in: **The Journal of Modern History**, vol. XXXV, no 2, June 1963, p. 109-124.

²¹ WHITE, Hayden. "Frye's Place in Contemporary Cultural Studies," in: DENHAM, R. **The Legacy of Northrop Frye**. Toronto: University of Toronto Press, 1994, pp. 28-39.

²² WHITE, Hayden. "Foucault Decodificado: Notas do subterrâneo"; em: **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [1973]. p. 253-283; "Michel Foucault," in: STURROCK, John. **Structuralism and Since. From Levi-Strauss to Derrida**. Oxford, New York: Oxford University Press, 1979, pp. 81-115.

²³ WHITE, Hayden. "O Momento Absurdista na Teoria Literária Contemporânea"; em: **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [1976]. p. 285-306; "The Problem of Change in Literary History"; in: **New Literary History**, vol. 7, no 1, Autumn 1975, pp. 97-111, entre outros.

²⁴ Hayden White não faz uma diferenciação conceitual entre literatura e relatos ficcionais. Parece tratá-los como termos equivalentes.

²⁵ CHARTIER, Roger. "Figuras retóricas e representações históricas"; em: **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 112.

De fato, há um número razoável de escritos em Hayden White que defendem as semelhanças entre os relatos históricos e os ficcionais. Algumas afirmações possibilitaram interpretações dessa natureza, tais como: “as narrativas históricas (...) são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências”²⁶; ou: “o modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção”²⁷; e ainda: “vistos apenas como artefatos verbais, as histórias e os romances são indistinguíveis uns dos outros”²⁸; ou: “os historiadores talvez não gostem de pensar que suas obras são traduções do fato em ficções; mas este é um dos efeitos das suas obras”²⁹; e, por fim: “embora os historiadores e os escritores de ficção possam interessar-se por tipos diferentes de eventos, tanto as formas dos seus respectivos discursos como os seus objetivos na escrita são amiúde os mesmos”³⁰. Ao se levar em conta essa aproximação – que na perspectiva de alguns comentadores de White poderia ser reduzida a uma equiparação – entre historiografia e relato ficcional, o que havia de característico nos relatos produzidos pelos historiadores, a busca pela verdade pretérita, estava ameaçada de extinguir-se. Destarte, todo esforço em buscar estabelecer *o que* e *como* se deu os eventos, no passado de uma sociedade, estaria fadado à uma inexequibilidade sufocante.

Porém, deve-se observar que, ao assemelhar o discurso historiográfico ao ficcional, Hayden White não desconsiderou a diferença na matéria-prima de que se

²⁶ WHITE, Hayden. “O Texto Histórico como Artefato Literário”; em: **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001[1974]. p. 98.

²⁷ Idem. p. 102.

²⁸ WHITE, Hayden. “As Ficções da Representação Factual”; em: **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed. – 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001[1976]. p. 138.

²⁹ WHITE, Hayden. “O Texto Histórico como Artefato Literário”; em: **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed.– 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [1974]. p. 108.

³⁰ Idem. p. 137.

valem na composição de seus respectivos textos, como ele insistentemente escreveu:

(...) quero admitir desde já que os *eventos históricos* diferem dos *eventos ficcionais* nos modos pelos quais se convencionou caracterizar as suas diferenças desde Aristóteles. Os historiadores ocupam-se de eventos que podem ser atribuídos a situações específicas de tempo e espaço, eventos que são (ou foram) em princípios observáveis ou perceptíveis, ao passo que os escritores imaginativos (...) se ocupam tanto desses tipos de eventos quanto dos imaginados, hipotéticos ou inventados³¹.

Ou, ainda:

Nada disso implica que não devemos distinguir a atividade da pesquisa histórica (o estudo pelo historiador de um arquivo contendo informações sobre o passado) da atividade da escrita histórica (a composição pelo historiador de um discurso e sua tradução numa forma escrita). Na fase de pesquisa do seu trabalho, os historiadores estão empenhados em descobrir a verdade sobre o passado e em recuperar informações esquecidas, ou suprimidas, ou obscurecidas, e, é claro, extrair delas todo o sentido que puderem. Mas entre essa fase de pesquisa, que na verdade não se pode distinguir da atividade de um jornalista ou um detetive, e a conclusão de uma história escrita, é preciso realizar várias operações transformadoras importantes, nas quais o aspecto figurativo do pensamento do historiador é mais intensificado do que diminuído³².

Esses são alguns dos trechos nos quais o reconhecimento das diferenças entre ficção, por um lado, e historiografia, por outro, é reafirmado por White. A sua preocupação, em suas obras, porém, é em expor as *semelhanças* entre ambos, não os diferenciar. Ainda assim, dois questionamentos parecem persistir: 1) se a preocupação é identificar as semelhanças, quais são elas? 2) e, onde residiriam as controvérsias a respeito das supostas semelhanças entre relato histórico e relato ficcional, que ocasionaram, por sua vez, debates acirrados?

Ao enfatizar as semelhanças entre relato histórico e ficcional, White afirma que há, em ambos, um mesmo movimento de estruturação do discurso. Tal operação realiza-se ao se organizar os dados dispersos em uma forma de narrativa

³¹ Idem. p. 137.

³² WHITE, Hayden. "Teoria Literária e Escrita da História"; em: **Estudos Históricos**. – Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991 [1988]. p. 7.

reconhecida entre autor e leitor. Nesse caso, pouco importa se os dados mediante os quais o texto é estruturado são reais ou imaginados: a forma de dar-lhes sentido é a mesma. Ambos se valem de modelos de organização que, de certo modo, direcionam a construção do significado no relato. Além disso, não se deve esquecer que o método de Hayden White é formalista, e, como tal, busca enfatizar as estruturas formais por meio das quais o discurso é composto. Ainda assim, fica por explicar por que as aproximações elaboradas por White entre relato histórico e relato ficcional causaram reações tão díspares, haja vista que o autor de *Meta-História* não foi o primeiro a encontrar semelhanças entre as duas formas de discursos³³.

Com efeito, um número razoável de autores já havia chamado a atenção para as semelhanças entre os procedimentos artísticos do escritor de relatos ficcionais e os do historiador. A diferença entre as proposições anteriores e a teoria do discurso historiográfico de Hayden White reside no papel que o estadunidense atribuiu à formalização discursiva. Mais que uma mera forma separada do conteúdo a respeito do qual versa, a estruturação narrativa, na pesquisa do historiador, acaba por condicionar as possíveis estratégias explicativas com as quais irá organizar o seu relato e dar-lhe a impressão de uma explicação do que foi e como foi que tal ou qual evento ocorreu no passado. Com isso, White deslocou a precedência das fontes sobre o relato e concedeu um papel decisivo à formalização na composição discursiva, como se pode depreender do excerto abaixo: “(...) nem a forma nem o poder de explicação da narrativa derivam dos diferentes conteúdos que ela presumivelmente é capaz de conciliar”³⁴. A maneira pela qual um relato ganha certa feição ou imagem, portanto, não advém dos dados com os quais o historiador trabalha, mas, antes, da formalização, da organização de um arquétipo – segundo a expressão de N. Frye³⁵ – presente em todo relato em prosa, seja ele literário ou historiográfico.

³³ Ver: LIMA, Luiz Costa. “Prefácio”; em: **História. Ficção. Literatura**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

³⁴ WHITE, Hayden. “O Texto Histórico como Artefato Literário”; em: **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [1974]. p. 115.

³⁵ FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. – São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

A segunda grande contestação provém da relação entre historiografia e filosofia da história³⁶. A diferenciação tradicional entre ambas argüia que a primeira consistia em uma modalidade científica, preocupada em investigar o passado mediante regras metodológicas passíveis de comprovação empírica, ao passo que a segunda busca estabelecer o *sentido* da história no seu acontecer, de modo pré-conceptual, ou seja, elabora seu discurso em busca das “leis” que governam a história da humanidade como um todo de maneira meta-física. W. Dray, afirma que

A Filosofia Especulativa busca descobrir na história o curso de acontecimentos, um padrão ou significado que se situa para além da esfera do historiador comum. A Filosofia Crítica [teoria historiográfica] empenha-se em tornar clara a natureza da própria investigação do historiador, de modo a ‘situá-la’, por assim dizer, no mapa do conhecimento³⁷.

Um conhecimento que tem como base a história, mas por meio de um conjunto de procedimentos intersubjetivamente aceitos como diferentes daqueles aos quais se vale o filósofo da história. Este teria especial interesse em generalizar a respeito do curso dos eventos ocorridos no mundo; o historiador, por sua vez, estaria preocupado predominantemente com as particularidades dos eventos.

A tese de White, entretanto, minimiza as diferenças entre as duas modalidades de conhecimento sobre a história e afirma que a distinção entre o que faz o historiador e o filósofo da história não é de *tipo*, mas de *grau*. Isto é, ambos se valem de “estruturas pré-concebidas” em seus relatos, mas enquanto o filósofo da história enfatiza e expõe manifestadamente sua filiação a alguma “teoria geral”, facilmente identificável na superfície de seu texto, o historiador desloca o elemento meta-histórico para o interior de sua narrativa. “Não pode haver ‘história propriamente dita’”, escreve White, “que não seja ao mesmo tempo ‘filosofia da história’; (...) os modos possíveis de historiografia são os mesmos que os modos

³⁶ O termo filosofia da história pode ser substituído por filosofia especulativa da história, simplesmente filosofia especulativa ou historicismo, na acepção que o filósofo da ciência K. Popper lhe atribuiu em: POPPER, Karl. **A Miséria do Historicismo**. – São Paulo: Cultrix; Edusp, 1980.

³⁷ DRAY, William H. **Filosofia da História**. Trad. Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. p. 09.

possíveis de filosofia especulativa da história”³⁸. Sendo assim, qual é o elemento comum entre historiografia e filosofia da história?

White sugere que tal elemento está presente em textos que se valem da linguagem natural na elaboração de seu discurso em prosa. São as “formalizações de intuições poéticas que analiticamente os precedem e que sancionam as teorias particulares usadas para dar aos relatos históricos a aparência de uma ‘explicação’”³⁹. Ou seja, há, tanto na filosofia da história quanto na historiografia, um componente que pré-organiza o discurso; e o faz pré-analiticamente, isto é, *antes* de uma averiguação dos dados.

(...) toda representação ‘histórica’ – por mais particularizadora, narrativista, autoconscientemente que seja – traz em si a maioria dos elementos do que a teoria convencional chama ‘historicismo’ [filosofia da história]. O historiador molda a sua matéria (...) em resposta aos imperativos do discurso narrativo em geral. Estes imperativos são retóricos por natureza (...) na própria linguagem de que o historiador se serve para descrever o seu objeto de estudo, anteriormente a qualquer esforço formal que possa fazer para explicá-lo ou interpretá-lo, ele submete esse objeto de estudo ao tipo de distorção que os historicistas impõem à sua matéria de um modo mais explícito e formal⁴⁰.

Como se observa, Hayden White opera novamente – a exemplo do que fez entre relato historiográfico e ficcional – uma análise que enfatiza as semelhanças entre filosofia da história e historiografia.

A terceira, e última, grande contestação às proposições whiteanas diz respeito à sua concepção de ciência. A estratégia utilizada, nesse caso, foi diversa: se o autor de *Meta-História* aproximou relato histórico do ficcional, por um lado, e historiografia e filosofia da história, por outro, com respeito à relação entre historiografia e ciência, White buscou as *diferenças* entre elas, ao ponto de excluir o ofício dos historiadores do rol das disciplinas acadêmicas tidas por científicas. Os argumentos mediante os quais ele procura sustentar sua tese, como se verá no

³⁸ WHITE, Hayden. “Prefácio”; em: **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**; tradução de José Laurêncio de Melo. – São Paulo: Edusp, 2 ed. 1995 [1973]. p. 14.

³⁹ Idem. p. 15.

⁴⁰ WHITE, Hayden. “Historicismo, História e a Imaginação Figurativa”; em: **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [1975]. p. 118. Deve-se observar que o termo *retórica* utilizado por White na passagem acima equivale à figuração tropológica que sanciona as estratégias explicativas de um relato historiográfico.

primeiro capítulo, são estruturados a partir de duas ausências em historiografia: uma linguagem técnica e um método convencionalmente aceito como apropriado entre seus praticantes. Isso reverberou em um razoável número de artigos, comentários e citações das mais variadas matizes, e tem implicações relevantes com respeito às funções da historiografia. Por isso, esse será um aspecto retomado adiante.

Enfim, as relações entre relato histórico e relato ficcional, historiografia e filosofia da história e historiografia e ciência são três questões recorrentes nos textos de Hayden White e buscam ser sustentadas por meio de sua teoria do discurso historiográfico. Tais questões estão coligadas ao objeto deste trabalho: as funções da historiografia, que, embora não seja uma questão tão comentada e freqüente quanto as três relações acima mencionadas – relato histórico e ficcional, historiografia e filosofia da história e historiografia e ciência –, ainda assim traz consigo uma marca indelével das proposições whiteanas: a polêmica.

Para investigar as funções que a historiografia pode exercer segundo White, esta Dissertação não se limitou a examinar os principais textos onde ela aparece: *O Fardo da História*⁴¹, *The Politics of Historical Interpretation: Discipline and De-Sublimation*⁴², *Enredo e Verdade na Escrita da História*⁴³ e grande parte do livro *Meta-História*⁴⁴. Foi preciso compreender sua proposta como um todo. Portanto, grande parte dos quatro livros publicados pelo estadunidense contribuíram a este trabalho. Como se sabe, apenas *Meta-História* consubstancia-se como um livro no sentido *strictu* do termo. *Trópicos do Discurso*, *The Content of the Form* e *Figural Realism* são compilações de artigos publicados inicialmente de modo disperso em revistas acadêmicas⁴⁵. Conquanto não haja um norte que os una de forma mais

⁴¹ WHITE, Hayden. “O Fardo da História”; em: **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. – 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [1966].

⁴² WHITE, Hayden. “The Politics of Historical Interpretation: Discipline and De-Sublimation⁴²”; in: **The Content of the Form: Narrative Discourse and Historical Representation**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1987 [1982].

⁴³ WHITE, H. “Enredo e Verdade na Escrita da História”; em: MALERBA, Jurandir (org). **A História Escrita: teoria e história da historiografia**, São Paulo: Contexto, 2006 [1992].

⁴⁴ WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**; tradução de José Laurêncio de Melo. – 2 ed. – São Paulo: Edusp, 1995 [1973].

⁴⁵ Há, ainda, outro livro publicado por White individualmente: WHITE, Hayden. **The Greco-Roman Tradition**. New York: Harper & Row, Publishers, 1973, e mais dois livros em co-autoria, que, para os fins deste trabalho, não foram considerados relevantes. São eles: COATES, W.; WHITE, H. **The**

direta que a cronologia, talvez seja possível afirmar que há um núcleo teórico em White, que liga os artigos reunidos nos livros supracitados e no qual as questões secundárias ou de outra natureza são apoiadas e recebem sustentação: trata-se da preocupação com o discurso historiográfico.

As características da teoria do discurso historiográfico e os temas adjacentes a ela exigiram um esforço de distanciamento que dispensasse, na medida do possível, valorações positivas ou negativas acerca do que White propôs. Seu método, como já foi mencionado, é formalista e guarda em si certa coerência com seu ponto de partida e os objetivos que pretende atingir. Por isso, buscou-se compreender o *que* era formulado e principalmente *como* o foi, em uma análise, prioritariamente, interna de sua obra, de modo que dois procedimentos metodológicos tiveram de ser postos em prática.

O primeiro diz respeito à análise dos interlocutores de White. Embora sua teoria seja em grande medida original, ela vale-se de obras específicas: *Grammar of Motives*, de Kenneth Burke⁴⁶, *Anatomia da Crítica*, de Northrop Frye⁴⁷, *World Hypotheses*, de Stephen Pepper⁴⁸ e *Ideologia e Utopia*, de Karl Mannheim⁴⁹. Hayden White ainda escreve que se beneficiou da leitura das obras dos franceses Lucien Goldmann, Roland Barthes, Michel Foucault e Jacques Derrida⁵⁰. Em relação ao objeto deste trabalho, uma obra fundamental pareceu ser a *Segunda Consideração Intempestiva: Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida*, do filósofo alemão F. Nietzsche⁵¹, que, justamente por isso, inspirou o título desta Dissertação. A partir disso, foi possível inserir a teoria do discurso historiográfico e as possíveis

Ordeal of Liberal Humanism: An Intellectual History of Western Europe, vol. II: Since the French Revolution. New York: McGraw-Hill, 1970 e COATES, W.; SCHAPIRO, S.; WHITE, H. **The Emergence of Liberal Humanism. An Intellectual History of Western Europe**, vol. I: From the Italian Renaissance to the French Revolution. New York: McGraw-Hill, 1966.

⁴⁶ BURKE, Kenneth. **A Grammar of Motives**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1969.

⁴⁷ FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. – São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

⁴⁸ PEPPER, S. C. *World Hypotheses: prolegomena to systematic philosophy and a complete survey of metaphysics*. – University of California Press, 1966.

⁴⁹ MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. 4 ed. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.

⁵⁰ WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. Tradução de José Laurênio de Melo. – São Paulo: Edusp, 2ª ed. 1995 [1973]. p. 18 e 19, nota número 4.

⁵¹ NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Tradução Marco Antonio Casanova. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

funções que a historiografia pode exercer em uma *rede de diálogos*, em um esforço constante de ir às obras mesmas, tentando ouvir as notas da harmonia composta pelo autor.

O segundo procedimento diz respeito à correlação de informações não explicitamente correlacionadas. Isto é, a teoria do discurso historiográfico de Hayden White não indica qual ou tal função a historiografia deve desempenhar. Por outro lado, o que é atribuído como função não está desvinculado de sua teoria. Foi necessário, portanto, cruzar informações e interpretar as funções da historiografia apregoadas pelo estadunidense em contigüidade à sua teoria e vice-versa. Além disso, as funções da historiografia de White não estavam organizadas em um único texto. Foi preciso colhê-las em textos dispersos, reuni-las e observar até que ponto mantinham coerência entre si, se eram recorrentes em outros textos e se estavam concordes com a teoria do discurso.

Todo esse esforço teórico-metodológico para examinar as obras de um autor polêmico e que possibilita interpretações tão díspares entre si resultou em três capítulos e uma última seção destinada às considerações finais.

O primeiro capítulo procura criar as bases para se compreender a proposta de Hayden White. Por isso, foi necessário expor, mesmo que de forma introdutória e geral, os princípios a partir dos quais a teoria do discurso historiográfico foram formulados. Nele buscou-se interpretar a teoria quádrupla do estadunidense tendo em vista não apenas seus pressupostos, mas indicando em que medida ela se ligava ao objeto da presente Dissertação.

O segundo capítulo visa adentrar no objeto propriamente. E ele tem um papel propedêutico para a leitura do capítulo seguinte, pois indica quais são as funções em historiografia que White condena. A partir disso, ele facilita a compreensão das funções consideradas úteis e, mais que isso, mostra como White rearranja argumentos, desloca trechos e constrói uma certa visão coerente daquilo que deve ser evitado pelos historiadores.

O terceiro capítulo expõe quais são as funções que a historiografia deve desempenhar, segundo Hayden White. Mas as funções não estão desconectadas da teoria do discurso. Aliás, se há uma idéia que atravessa esta Dissertação como um todo é a de que as funções sugeridas por White são possíveis caso se aceite como válidas a sua teoria do discurso historiográfico. Parece que é exatamente aí que se situa a originalidade de White: em vincular tal ou qual função da historiografia com tal ou qual característica do conhecimento histórico. Não parece ser mera coincidência.

Na última seção deste trabalho buscou-se sintetizar o que foi exposto anteriormente na Dissertação, questionar alguns aspectos da proposta whiteana e sugerir suas possíveis implicações para o conhecimento histórico.

Enfim, a Dissertação como um todo foi estruturada no intuito de responder à questão: qual o papel que cabe à historiografia desempenhar na peça do conhecimento humano no cenário contemporâneo, do palco da cultura ocidental? Não obstante a simplicidade da pergunta, a resposta traz sempre implicações para um ou outro tipo de produção historiográfica em voga, sobretudo quando se trata de examiná-la sob o ponto de vista de um dos historiadores mais controversos da contemporaneidade. De fato, a obra de Hayden White é uma das mais diversamente interpretada: do amor ao ódio há escalas variadas. Além disso, nem todas essas interpretações pautam-se nos mesmos pontos, tampouco tem os mesmo objetivos: às vezes, há mais que uma tentativa de compreendê-lo a partir de seu ponto de partida e dos objetivos que procura atingir. Por conseguinte, qualquer trabalho que se debruce sobre sua obra, por mais que tente imaginar possíveis contestações e, assim, respondê-las – mesmo antes de sua formulação – está fadado, quase sempre, a um número razoável de contra-argumentações e exames valorativos. Parece que quanto a isso não há o que fazer, são “ossos do ofício”.

Resta, no entanto, a feliz expectativa de tentar subverter os objetivos de um texto qualquer. Como se sabe, é comum que um texto, livro, discurso ou palestra tenham, em si, um fim semelhante: o de persuadir, de con-vencer o leitor ou ouvinte a respeito do que se enuncia. Este trabalho, porém, já terá seu objetivo sub-reptício realizado se conseguir deslocar esta fórmula, ou seja, dar-se-á por satisfeito se o

leitor não se der por convencido do que leu, caso se sinta desconfortável e busque, ele mesmo, uma resposta, digamos, adequada às suas necessidades. (Re)pensar a questão de quais são as funções que a historiografia pode exercer no mundo em que vivemos hoje é, em última instância, o princípio motivador desta Dissertação.